

## O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA E A FORMAÇÃO DOCENTE PARA OS ANOS INICIAIS: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

*Manuella Sampaio Alves<sup>1</sup>*

*Eixo temático : 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores*

**Resumo:** Este escrito caracteriza-se como uma análise de um relato de experiência no Programa de Residência Pedagógica, em sua segunda edição, realizada de maneira atípica, no contexto da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19). Versa sobre as condições nas quais se desenvolveram as relações de ensino-aprendizagem e com os/as educandos/as das turmas do 5º ano do Ensino Fundamental, em uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC). As reflexões deste texto dialogam com a perspectiva da psicologia histórico-cultural acerca do papel dos/as docentes como mediadores/as das relações de interação das crianças com o legado sociocultural construído pela humanidade ao longo do tempo; atuando, assim, como condutores/as destas aprendizagens. Como resultado, é possível refletir, diante do cenário de pandemia, sobre a importância do ensino presencial, do/a professor/a em sala de aula, atuando como mediador/a dos processos de ensino-aprendizagem (no que concerne à “transmissão cultural”), visando a apropriação da cultura com vistas ao desenvolvimento psíquico dos/as educandos/as, em especial para a etapa de escolarização dos Anos Iniciais, na qual o processo de aprendizagem da linguagem escrita precisa ocorrer de forma sistematizada e acompanhada intencionalmente.

**Palavras-chaves:** Mediação Docente em Contexto de Pandemia; Anos Iniciais; Programa de Residência Pedagógica; Alfabetização e Formação Inicial de Professores/as.

### Introdução

O Programa de Residência Pedagógica<sup>2</sup> (PRP) se configura como uma experiência singular de iniciação à docência (diferente das experiências proporcionadas pelos estágios curriculares supervisionados dos cursos de licenciaturas), uma vez que, de maneira contínua

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia, da FAED/UDESC. Membro do Grupo de Pesquisa NAPE – Didática e Formação Docente, da FAED/UDESC. Bolsista de Extensão do Programa Olhares – Alfabetização, Coordenação Pedagógica e Formação de Professores/as, do Grupo de Pesquisa NAPE – Didática e Formação Docente, da FAED/UDESC. Contato: manuellasampaicesc@gmail.com.

<sup>2</sup> O Programa de Residência Pedagógica é um projeto de iniciação à docência que busca promover o aperfeiçoamento da formação nos cursos de licenciatura, por meio da imersão do/a licenciando/a na escola de Educação Básica, a partir da segunda metade de seu curso. Atualmente, o PRP faz parte da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, oportunizando a estudantes de licenciaturas a participação em um estágio de duração de três semestres, atuando por meio de observações participantes e regências de turmas.

e bem mais aprofundada e consistente, possibilita aos/às licenciandos/as (residentes do Programa) uma aproximação com as realidades das escolas públicas brasileiras.

Tais aproximações (que acontecem no período de cerca de um ano e meio, ao longo de 414 horas) possibilitam aos/às residentes viverem (de perto) o cotidiano de uma Escola Básica, por meio de observações participantes e atuação docente (momentos de regência de turmas) nas quais são, juntos/as e em parceria com as crianças das salas de aula, onde realizam suas residências, protagonistas dos processos de ensino-aprendizagem os quais mediam e com os quais também aprendem.

Vale destacar que a compreensão acerca do conceito de mediação de aprendizagem, neste texto, se apoia em Vygotsky (1991) na perspectiva da psicologia histórico-cultural, que considera o ensino como fundamental ao desenvolvimento psíquico humano, uma vez que:

Nessa teoria, o ensino representa, então, o meio no qual o desenvolvimento avança; em outras palavras, os conteúdos socialmente elaborados do conhecimento humano e as estratégias cognitivas necessárias para sua internalização são evocados nos aprendizes segundo seus “níveis reais de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1991, p.87).

Em relação à inserção nas atividades do PRP, esta se dá de forma presencial, dentro das escolas/campo, onde os/as residentes são inseridos/as para vivenciarem suas trajetórias, que iniciam sempre por uma leitura de contexto, juntamente a contínuas observações participantes até, finalmente, chegarem aos momentos de ensaiarem suas primeiras docências, momentos de atuarem como mediadores/as das aprendizagens das crianças (nestas circunstâncias, seus/as interlocutores menos experientes), na escola, conforme a perspectiva teórica que rege este texto. No entanto, devido à pandemia da COVID-19, impôs-se uma nova realidade, confrontando os pressupostos basilares do Programa, tendo em vista seu objetivo de promover aos/às residentes a interação presencial com as escolas/campo.

No cenário atual, de necessárias medidas de implementação do isolamento social, em decorrência da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus, os/as residentes da atual edição do PRP vivenciam uma experiência muito diferente da vivenciada pelos/as residentes da primeira edição. Posto que, diante das atuais circunstâncias, novas formas de interação entre escola (docentes) e educandos/as emergem frente ao contexto pandêmico.

Nessa esteira, pretende-se, neste escrito, discutir sobre a experiência no PRP em contexto de pandemia, tecendo algumas reflexões acerca do papel do professorado para a mediação das aprendizagens das crianças (educandos/as destas turmas), bem como dos/as residentes (estes/as, em momentos de ensaios de docência) e sobre as condições nas quais estas interações estão sendo propostas, uma vez que as crianças estão afastadas fisicamente das escolas. Nesse sentido, cabe problematizar tais condições atípicas, sobretudo no que diz

respeito à aprendizagem das crianças em fase escolar, vivenciando, na perspectiva da psicologia histórico-cultural, o período de inserção na atividade-guia Estudo.

Para Leontiev (1978), teórico da perspectiva teórica citada, atividades-guia são as atividades propulsoras do desenvolvimento psíquico humano, durante determinados períodos da vida dos sujeitos. No que concerne às atividades-guia, as crianças das turmas de 5º ano, as quais acompanhei e acompanho, no PRP (compreendidas na faixa etária dos 10 anos), encontram-se, ainda abarcadas no período de desenvolvimento relativo a esta atividade-guia, uma vez que, conforme aponta Asbahr (2020), tal atividade engloba o período da infância de crianças em idade escolar.

## **2 Fundamentação Teórica**

Para a psicologia histórico-cultural, o ensino tem papel crucial na vida e desenvolvimento psíquico dos sujeitos. Na escola, os/as docentes (interlocutores mais experientes na relação de aprendizagem) atuam como mediadores/as do legado de conhecimentos social e culturalmente construídos ao longo da história, pela humanidade, transmitindo-os aos/às aprendizes, educandos/as na escola (estes últimos, interlocutores menos experientes nestas relações) no processo considerado pela teoria como “transmissão cultural” (VYGOTSKY, 1991).

Assim, há pelos interlocutores menos experientes, a internalização, apropriação destes conhecimentos (mediados, na escola, pelos/as docentes). Conhecimentos estes que transitam da esfera intersíquica (relativa ao meio cultural), passando para a esfera intrapsíquica (relativa ao indivíduo) e, assim, se dá, gradativamente, o desenvolvimento psíquico dos sujeitos que, de acordo com a teoria histórico-cultural, atravessa os diferentes períodos da vida humana, do nascer à velhice (REIS; FACCI, 2020).

Assim, tomando por base a teoria citada sobre o processo de ensino como “transmissão cultural”, ao qual o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos está completamente atrelado, podemos perceber, bem como, pretendemos discutir neste texto, fruto de um relato de experiência sobre o PRP, a suma importância da escola e do professorado para o desenvolvimento dos indivíduos e, por conseguinte, das sociedades.

## **3 Contextualização da Experiência**

Minha vivência com o PRP teve início em 2018, quando tive oportunidade de participar como bolsista/residente da primeira edição do Programa (2018-2020), vinculado ao curso de Pedagogia da FAED/UEDESC, do qual sou acadêmica. Durante esta etapa, constituída por

momentos de inserção, de observações participantes e exercícios de docência, atuei na EBM Henrique Veras, escola situada na Lagoa da Conceição, em Florianópolis-SC, junto às turmas do 5º ano do Ensino Fundamental (turmas 52). Atualmente, na segunda edição (2020-2022) do Programa, atuo como voluntária na mesma escola e, novamente junto às turmas dos 5º anos, sob a supervisão da mesma docente regente de turmas que, em minha primeira experiência junto ao PRP, foi minha preceptora.

As atividades da segunda e desafiadora edição do Programa, previstas inicialmente para agosto de 2020, iniciaram com o atraso de dois meses (em 1 de outubro do mesmo ano), em razão da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19). Cabe salientar que o adiamento do início da referida edição ocorreu justamente devido à emergência de medidas de isolamento social, com o objetivo de preservar o bem humano mais precioso: a vida.

O percurso, a programação inicial do PRP em si, teve de ser repensado, haja vista a impossibilidade de aulas presenciais acontecerem nas escolas à época e, assim, logo também a impossibilidade da inserção dos/as residentes nos espaços físicos das escolas, junto às turmas com as quais teriam suas experiências no Programa. Naquele período, cabe menção, a FAED/UDESC estava terminando também, de forma totalmente atípica, motivada pela pandemia, o primeiro semestre letivo de 2020 dos cursos de graduação, uma vez que, também devido às mesmas condições, as aulas dos cursos de graduação (modalidade presencial) tiveram que ser interrompidas.

Na Universidade, retomamos o semestre letivo referido de modo remoto, com aulas mediadas por tecnologias, somente em agosto de 2020. E, dois meses depois (outubro de 2020, como já citado anteriormente), os/as novos/as residentes iniciavam sua trajetória no PRP, cheios/as de expectativas e incertezas, em meio ao novo (tão novo!).

O Programa, em sua reformulação de atividades, para que pudesse realmente acontecer, apesar do contexto catastrófico causado pela pandemia (que, de acordo com informações atuais do *site* da empresa *Google*, até o presente momento, 19 de abril de 2021, cabe menção, já ceifou mais de 373 mil vidas em nosso país), teve início com encontros virtuais, entre as docentes preceptoras das três escolas parceiras do Programa e os/as novos/as residentes, orientados pela professora Dr<sup>a</sup> Alba Regina Battisti de Souza.

O intuito destes encontros iniciais foi: aproximar, diante das atuais circunstâncias, a nova turma de residentes das preceptoras com as quais estarão vinculados/as durante todo o Programa; orientar o novo grupo em relação ao andamento das atividades do PRP, tendo em vista as adaptações destas para o modo remoto de interações e, além disso, promover estudos teóricos a fim de suscitar discussões e reflexões qualificadas acerca da formação docente.

Além destes momentos, o grupo de residentes das duas turmas que estou tendo a

oportunidade de acompanhar, teve também seus primeiros momentos de regência de turma, sobre os quais irei discorrer um pouco na próxima seção.

### **3.1 As interações possíveis com o campo no contexto de pandemia e as dificuldades na mediação das aprendizagens**

Por conta da paralisação das aulas presenciais das escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC (no contexto de isolamento social), a dinâmica estabelecida pela Prefeitura Municipal para a manutenção das aulas relativas ao Ensino Fundamental, durante o período, foi o estabelecimento de contatos virtuais dos/as docentes com suas turmas, por meio da Plataforma *Google Meet*.

Além destes contatos semanais, com duração de cerca de uma hora e meia por turma (utilizados, em geral, para sanar dúvidas das crianças em relação aos conteúdos a elas remetidos) os/as docentes ficaram incumbidos/as da postagem de atividades relativas aos conteúdos programáticos para o ano letivo de suas turmas, no Portal Educacional da supracitada rede de ensino. Para as famílias que optaram pelo recebimento das atividades de forma impressa, as escolas da Rede também têm disponibilizado essa via como possibilidade de acesso.

Assim, a mediação da aprendizagem possível à docente regente das turmas 51 e 52, para o momento (e demais docentes na mesma situação, devido à pandemia), com as/os educandas/os, passou a acontecer somente por meio de encontros virtuais breves e pontuais, atrelados à realização das crianças de atividades postadas no Portal Educacional da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC ou a elas remetidas também de forma impressa.

Realização esta, cabe menção, nem sempre possível, uma vez que, distantes fisicamente da escola e de sua professora, muitas crianças relataram encontrar bastante dificuldade na realização das tarefas recebidas, bem como em terem (devido às circunstâncias) os pais ou responsáveis como únicos mediadores/as para a realização destas atividades, no momento.

Diante da atual conjuntura, em que as crianças estão recebendo atividades relativas aos conteúdos dos anos escolares que estão cursando, tendo seus pais ou responsáveis como únicos mediadores/as possíveis de suas aprendizagens, cabe a reflexão sobre como fica, em um ano letivo vivenciando deste modo, a qualidade da formação dessas crianças. Em outras palavras, de que modo as relações (novas formas de interação entre crianças e escola, impostas pelo momento) de ensino-aprendizagem, moldadas na pandemia, interferem na perda da qualidade das aprendizagens?

Ora, pais ou responsáveis, por mais bem intencionados e dispostos à condução destas

aprendizagens que estejam, sabemos, não são professores/as (não tem formação pedagógica, didática e científica para tanto)! Bem como, trazendo conceitos de Bourdieu (1986) à discussão, não têm, em muitos casos, *capital econômico* (trazido para este contexto como tempo livre para o acompanhamento das atividades escolares dos/as filhos/as) e *capital cultural* (conhecimento acadêmico/científico para este acompanhamento e mediação das aprendizagens que competem à escola e ao professorado).

Além de dificuldades materiais também relatadas, como a necessidade do compartilhamento de celulares dos pais com as crianças para que ocorresse a efetiva participação destas nos encontros virtuais das turmas, uma vez que, em muitos dos casos, os aparelhos dos pais são a única via de acesso à internet disponível.

Foi nesse contexto que as/os residentes da preceptora das turmas às quais tenho observado, como residente voluntária do PRP, tiveram seus primeiros momentos de docência em meio à pandemia. Para estes encontros virtuais, foram realizadas, inicialmente, aproximações das crianças com a temática da “Literatura no contexto dos anos iniciais”. Nos encontros virtuais semanais, os/as residentes desenvolveram, junto às/aos educandas/os, seus primeiros projetos de docência, tomando como base o tema referido, a fim de fomentar nestes/as, o gosto pela leitura.

Vale salientar a dedicação com a qual as/os residentes das turmas supracitadas conduziram os momentos de leitura de fruição. Apesar das dificuldades de aproximação impostas pelas rápidas interações virtuais, os encontros foram proveitosos, sobretudo, em um cenário de distanciamento da escola, em que estas oportunidades se configuram como únicas interações viáveis entre turmas, docentes e residentes.

#### **4 Resultados e Discussão**

A partir da complexidade do observado, muitas indagações emergem e demandam investigação profunda com vistas a lançar luz e ensejar a compreensão de um contexto tão atípico e novo para a Educação. Dentre estas indagações, em relação às condições de interações possíveis para o momento (entre a professora regente das turmas, os/as residentes e as crianças) será que podemos, seguramente, nos referir a estas interações como aulas?

Da mesma forma, diante deste cenário, no qual familiares são os/as únicos mediadores/as possíveis para as aprendizagens das crianças, como se estabelece, por exemplo, a relação de ensino-aprendizagem para educandos/as cujos responsáveis não são alfabetizados, uma vez que as proposições e atividades chegam às famílias, majoritariamente, por meio da linguagem escrita?

## 5 Considerações Finais

A profissão docente, em nosso país, se constituiu como uma profissão de lutas e de resistência, frente a constantes e históricas desvalorizações que seguem tomando corpo ao longo do tempo e, sobretudo, atualmente. Em um país onde docentes, além de constantemente atacados/as, são lançados/as (pelo Poder Público) às escolas, em meio a um cenário dantesco que demanda, de acordo com a ciência, a manutenção e o aperfeiçoamento de medidas de isolamento social (para salvar vidas), se faz urgente evocarmos a consciência crítica sobre a necessidade de uma educação pública, gratuita, de qualidade e presencial. Porém, sobre esse último aspecto citado (nunca é demais declarar), que aconteça quando, de fato, for possível, seguro e digno para a classe do professorado. Visto que, submeter docentes ao retorno imediato das aulas presenciais (como tem acontecido pelo estabelecimento, em abril de 2021, do ensino “híbrido”) é fazê-los/as, neste contexto pandêmico, jogarem uma espécie de “roleta-russa” com as próprias vidas.

Muito embora o contexto de interações virtuais entre os/as educandos/as e professores/as nas quais as relações de ensino-aprendizagens vêm sendo tecidas não seja o adequado, tendo em vista o papel do/a docente, da e na escola, para a mediação do processo de “transmissão cultural”, é o que temos para o momento. Aqui, estendendo esta condição ao que concerne às possibilidades atuais de interação entre os/as residentes do PRP e as crianças das turmas (e docentes preceptoras) nas quais estão realizando a residência, aprendendo a professorar, neste contexto; vivenciado-o, de certa maneira, junto aos/às professores/as regentes, atuantes no Programa, nas escolas onde ele acontece.

Diante do atual contexto, daquilo que é possível e vem sendo feito para e no momento, é possível ver o PRP, hoje, à luz de Ana Maria Freire (2014), como um “inédito-viável”. Uma vez que, a partir do trabalho de Paulo Freire, Ana Maria Freire (2014) define o conceito referido como algo ainda desconhecido, a ser vivido, mas que quando se torna realidade, passa a ser observado (pelos que utopicamente pensam) como um “percebido destacado”.

## Referências

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Idade escolar e a atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Orgs). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2020. – (coleção educação contemporânea).

BOURDIEU, P. The Forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. G. (ed.) **Handbook of theory and research for the Sociology of Education**. Nova Iorque: Greenwood Press, 1986. p.241-258.

FREIRE, Ana Maria Araújo de. Notas explicativas. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOOGLE, Notícias. Coronavírus (covid-19). Disponível em: <[Coronavírus \(COVID-19\) - Google Notícias](#)>. Acesso em: 19 de abril de 2021.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A velhice sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Orgs). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2020. – (coleção educação contemporânea).

VYGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.